

Desengajamento: uma característica do sujeito médio contemporâneo

WALLACE DA COSTA BRITO*

Resumo: O artigo discute o *desengajamento*, considerando esta noção como importante chave de leitura da constituição da subjetividade na contemporaneidade. Seu objetivo consiste em promover uma reflexão acerca dessa característica do sujeito médio contemporâneo, ligando-a ao modo de vida capitalista e à crescente onda consumista que assola grande parte do planeta. Expõe uma tomada de posição crítica frente a tal questão com suas implicações negativas sobre a sociedade e os indivíduos. Toma-se, para isso, como principal referência teórica, as recentes obras da socióloga francesa Claudine Haroche, articulando seu pensamento com o repertório teórico e conceitual da Teoria Crítica da Sociedade (Escola de Frankfurt). A socióloga aponta para um deslocamento, uma transformação antropológica do sujeito, vinculando dois elementos importantes: indivíduo hipermoderno e indivíduo das sociedades líquidas. Lançam-se a este respeito, várias indagações acerca dos rumos da sociedade e, por conseguinte, dos indivíduos, sem que se adote qualquer postura fechada ou qualquer previsibilidade. Todavia, as últimas palavras procuram defender a necessidade de enfrentamento e de procura por alternativas em face de tal problema, ainda que frágeis, possíveis.

Palavras-chave: Desengajamento; Subjetividade; Hipermodernidade; Capitalismo; Teoria Crítica.

Disengagement: a feature of the subject eastern contemporary

Abstract: The article discusses the disengagement, considering this notion of subjectivity constitution as important reading key nowadays. Its goal is to promote reflection on this feature of the contemporary average guy, linking it to the capitalist way of life and the growing consumerist wave plaguing much of the planet. Exposes taking a critical stance against the matter with its negative implications on society and individuals. Becomes, for this, as main theoretical reference, recent works of French sociologist Claudine Haroche, articulating his thoughts with the theoretical and conceptual repertoire of Critical Theory of Society (Frankfurt School). The sociologist points to a shift, an anthropological transformation of the subject, linking two important elements: individual and hypermodern individual net societies. Throw themselves in this regard, several questions about the direction of society and therefore of individuals without it taking any closed position or any predictability. However, the last words seek to defend the need to challenge and search for alternatives in the face of such a problem, though fragile, possible.

Key words: Disengagement; Subjectivity; Hypermodernity; Capitalism; Critical Theory.

* WALLACE DA COSTA BRITO é psicólogo (UNIABEU – Centro Universitário).

Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.¹

*Estranhem o que não for estranho.
Tomem por inexplicável o habitual.
Sintam-se perplexos ante o cotidiano.²*

1. Introdução

O artigo³ discute o *desengajamento*, considerando esta noção como

¹ Epígrafe do livro *Ensaio sobre a cegueira*, citando o *Livro dos Conselhos*, de El-Rei D. Duarte. Cf. SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 9.

² Bertold Brecht, trecho do poema *A exceção e a regra*. In: **Antologia poética**, p. 3, encontrada em http://chafic.com.br/chafic/moodle/file.php/1/Biblioteca_Virtual/Filosofia_e_Sociologia/Antologia_Poetica_de_Bertolt_Brecht.pdf.

³ Artigo escrito sob a orientação do professor Diogo Cesar Nunes da Silva, historiador; mestre e doutorando em Psicologia Social (UERJ); coordenador do Grupo de Estudos “Teoria Crítica & Subjetividade” (UNIABEU); membro do Grupo de Pesquisa “Subjetividade, Narrativas, Imagens” (UERJ / CNPq). Escrito como parte do Projeto de Pesquisa Iniciação Científica, que funcionou no período entre dezembro de 2012 e dezembro de 2013, pela UNIABEU com o tema: “Tempo e mal-estar na contemporaneidade: tédio, monotonia e reificação”. Projeto este coordenado e orientado pelo mesmo professor; vinculado ao curso de graduação em Psicologia e ao Grupo de Estudos “Teoria Crítica & Subjetividade”, que reúne alunos da graduação em Psicologia de diversos períodos, como ligada também ao Grupo de Pesquisa liderado pela professora Ariane P. Ewald (UERJ), “Subjetividade, Narrativas, Imagens” (CNPq). Durante esta iniciação científica tivemos como objetivos: 1- realizar um estudo teórico do referencial conceitual da Teoria Crítica da Sociedade; 2- identificar os desafios da constituição do sujeito no mundo contemporâneo, tomando como eixo a relação entre temporalidade e subjetividade. Tal trabalho foi apresentado em dois eventos acadêmicos: através de comunicação oral na I Semana de Psicologia promovida pela UNIABEU Centro Universitário, Campus Belford Roxo/RJ, realizada de 16 a 18 de setembro de 2013; e como resumo no formato pôster no XVII Encontro Nacional da

importante chave de leitura da constituição da subjetividade na contemporaneidade. Nessa perspectiva, concentra-se sobre o sujeito médio contemporâneo, reconhecendo-o como aquele que apresenta tal característica de modo proeminente. Esta noção, por sua vez, supõe-se manifesta por meio de posturas como apatia, descompromisso, indiferença, não-participação, passividade, resignação, submissão e transitoriedade em relação às questões do âmbito pessoal, bem como e, sobretudo, às questões do âmbito sociopolítico. Aspectos estes, portanto, que dizem respeito tanto às formas de ser e agir consigo mesmo e nas relações, como também às formas de posicionamento frente aos acontecimentos e rumos do mundo e aos modos de nele existir.

O objetivo do texto consiste em promover uma reflexão acerca do *desengajamento*, ligando-o, pois, ao modo de vida capitalista e à crescente onda consumista que assola grande parte do planeta. Apresenta uma tomada de posição crítica frente a tal questão e suas implicações negativas sobre a sociedade e os indivíduos.

Toma-se, para isso, como principal referência teórica, as recentes obras da socióloga francesa Claudine Haroche (2008; 2011), articulando seu pensamento com o repertório teórico e conceitual da Teoria Crítica da Sociedade (Escola de Frankfurt), que marcou o projeto de pesquisa de cujos trabalhos surgiram o presente texto. Esta importante escola de pensamento é marcada pela articulação das teorias freudiana e marxista, de cujas reflexões se privilegia a psicologia social de

ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social), realizado na UFSC, em Florianópolis/SC, de 02 a 05 de outubro de 2013.

caráter transdisciplinar, plural e crítico. O método adotado para a composição deste escrito se deu, neste sentido, como “interpretação crítica”, donde sobressai uma interlocução da socióloga com os pensadores frankfurtianos, bem como com outras leituras de autores estrangeiros e brasileiros⁴.

Deste modo, procura-se chamar a atenção, primeiramente, para a importância de promoverem-se análises macro e microcentradas, valorizando, assim, o olhar sobre o homem como ser psicossocial. A partir daí, delineia qual é a “condição sensível” demarcada na hipermodernidade. Em seguida, aborda a relação entre sociedade individualista e personalidade flexível.

Prossegue-se trazendo à cena o *desengajamento* como mais um produto do capitalismo e seu formato atual voltado para a exploração exacerbada do consumo, tornado consumismo. Próximo ao fim, lançam-se algumas interrogações necessárias sem a pretensão de fechar-lhes qualquer resposta. Finalmente, surgem últimas palavras que procuram defender a necessidade de enfrentamento e de procura por alternativas em face de tal problema, entendendo-as como frágeis, mas possíveis.

⁴ Dentre os teóricos frankfurtianos aos quais se recorreu para a composição do texto, estão: Herbert Marcuse; Theodor Adorno junto com Max Horkheimer. Outros teóricos estrangeiros: István Mészáros; Zygmunt Bauman. Dentre os autores brasileiros: Ariane Ewald; Joel Birman; Jorge Coelho Soares; Luiz Bicca; Maria de Fátima Vieira Severiano; Olgária Matos; Paula C. Oliveira; Roque Laraia; Silvia Lane. Tal discussão, contudo, não tem a pretensão de esgotar assunto de tamanha complexidade.

2. Macro e microanálise – duas inseparáveis

A análise dos processos socioculturais para a compreensão do homem é o ponto chave a partir do qual se constrói e desenvolve o estudo de Haroche e por meio do qual se pretende aqui promover uma interlocução com outros teóricos. Nesta linha, as considerações do antropólogo brasileiro Roque Laraia nos são elucidativas: “O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura” (LARAIA, 2009, p. 68).

Nestes termos, é fundamental considerar que a história social e a história particular caminham *pari passu*, constituindo, pois, estruturas e funcionamentos; tecendo modos de viver, estar, sentir, perceber, pensar, significar, agir etc. que se compõem a partir das tramas contextuais das quais nos é impossível ficar alheios. Dito de outra forma, modos de ser e existir particulares são erguidos e dinamizados a partir das tramas socioculturais nas quais se localizam. Assim é que tempo e espaço são fatores cruciais na constituição e expressão destes modos. A filósofa brasileira Olgária Matos ilustra isso quando escreve em tom metafórico: “A história individual e a história coletiva são indissociáveis, a rua palpita fora e dentro daquele que vai mapeá-la e percorrê-la” (MATOS, 2006, p. 190). De modo semelhante, ao destacar nossos potenciais e, assim, os arranjos possíveis frente à realidade, bem como frisando a junção da individualidade à sociabilidade, o filósofo húngaro István Mészáros explica que “As potencialidades da

humanidade podem se desenvolver apenas por meio das atividades dos indivíduos em sua inseparabilidade com relação aos grupos sociais aos quais pertencem” (MÉSZAROS, 2007, p. 35). Tal homem é produto e, ao mesmo tempo, produtor da cultura e sociedade na qual vive, compondo assim, sua identidade, como apontam os psicólogos Jorge Coelho Soares e Ariane Ewald ao entrelaçar como um único processo a identidade cultural, a sociedade e a construção da pessoa:

[...] a idéia de identidade cultural pode ser pensada como uma forma de mediação entre a pessoa e a sociedade, pois a cultura é uma unidade expressiva que orienta a ação individual e é, sem sombra de dúvida, um horizonte de significações que passa a fazer parte da nossa construção enquanto pessoa (SOARES & EWALD, 2007, p. 27).

Para o tema aqui discutido faz-se deveras, olhar para o homem como sujeito e, enquanto tal, participante e integrante do tempo histórico e do espaço social no qual vive; pelo qual é atravessado em seu modo próprio de existência e sem o qual se tornaria superficial qualquer estudo acerca da sua situação. Neste ponto, vale trazer à cena o comentário da psicóloga Silvia Lane, notadamente relevante para o saber da psicologia:

Uma abordagem psicológica do ser humano teria de enfatizar necessariamente, para uma compreensão completa do homem, uma macro e microanálise, em que a primeira abrangeria todo o contexto social, estrutura, relações etc. e a segunda se direcionaria para o homem formado por este contexto e, portanto, agindo, percebendo, pensando e falando segundo as determinações desse contexto, que,

atuando como mediações, foram internalizadas pelo ser humano.

O indivíduo na sua relação com o ambiente social, interioriza o mundo como realidade concreta, subjetiva, na medida em que é pertinente ao indivíduo em questão, e que por sua vez se exterioriza em seus comportamentos. Esta interiorização-exteriorização obedece a uma dialética em que a percepção do mundo se faz de acordo com o que já foi interiorizado, e a exteriorização do sujeito no mundo se faz conforme sua percepção das coisas existentes. (LANE, 1984, p. 82-83).

Neste sentido, a nossa condição pessoal é dependente das formas de subjetivação que circulam no tempo e espaço nos quais estamos, marcadamente, situados. É muito comum, portanto, que os sujeitos se tornem a expressão própria da realidade objetiva.

A este propósito, o fator tempo ocupa, aqui, uma posição de destaque: como ele é vivido? Como é entendido? Como nele nos situamos e nos movemos? Que significados e posicionamentos nos propõe e/ou impõe? De que modo o internalizamos? Estas são apenas algumas perguntas dentre tantas outras possíveis, não obstante a negativa de aqui respondê-las, tornam-se inevitáveis para o assunto em discussão. No tocante a isso, atentos aos fenômenos em curso na contemporaneidade, os comentários tecidos pelos autores da obra: *Tempo e subjetividades: perspectivas plurais* (2013) são muito úteis. Segundo eles, o tempo é uma noção crucial a reger toda nossa vida. Há, por assim dizer, uma inseparável ligação entre as temporalidades contemporâneas, os processos de subjetivação e a vastidão do mundo social. Decorre daí, portanto, a necessidade de considerar o impacto

que a temporalidade exerce sobre o sujeito contemporâneo. No estágio atual que atingiu a modernidade, estes autores avaliam que,

[...] o tempo deixa de ser visto como uma riqueza, imaterial em sua essência, mas como um bem que nos faz falta. Desta forma nossa relação com o tempo se torna cada vez mais negativa: ao correr atrás do tempo, que nos escapa sempre, nos queixamos de nossa falta de tempo e vemos nesta falta o sintoma de uma sociedade que, no seu ritmo constante de aceleração, acaba por nos lesar em algo essencial aos nossos projetos de vida.

Este novo regime temporal, percebido pelo homem moderno como uma forma de intensificação de sua vida, e positivado por ele, pensa a si mesmo como um tempo “humano”, desvinculado do tempo linear que rege o funcionamento das máquinas. Acaba, porém, propondo ao homem que a sua condição existencial se resuma à de simples espectador e consumidor, de tudo e de si mesmo e o tempo da modernidade acabou por ser instrumentalizado para estes fins (EWALD et al, 2013, p. 8-9).

3. A condição sensível na hipermodernidade⁵

Claudine Haroche (2008; 2011) ao traçar sua análise do homem e

⁵ Hipermodernidade é um conceito amplamente utilizado, na atualidade, por vários estudiosos no âmbito das ciências sociais, da filosofia, da psicologia etc., quando se propõem a analisar diversos fenômenos relativos à sociedade e ao homem do final do século XX e início do XXI, nos países ocidentais. Conceito este lançado e desenvolvido, nos primeiros anos do século XXI, pelo filósofo francês Gilles Lipovetsky. Cf. LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

sociedade atuais, emprega o termo *desengajamento*, concebendo-o como um atributo marcante do homem hipermoderno, isto é, que sobressai como uma característica acentuada (visivelmente explícita) nas sociedades contemporâneas. Termo este trazido ao presente texto como referência para discutir tal fenômeno como um problema oriundo dos modos de constituição subjetiva. A socióloga emprega esta característica para referir-se a “um fato sublinhado de forma reiterada em relação às sociedades contemporâneas” (HAROCHE, 2008, p. 122). Em suas análises, apresenta a seguinte hipótese:

[...] esse desengajamento – esse descompromisso resultante das sensações contínuas exercidas sobre o eu – influencia, de maneira profunda e insidiosa, as relações entre sensação, percepção, consciência, reflexão e sentimentos, levando ao esmaecimento das fronteiras entre objetos materiais reais e imagens virtuais. Além disso, tal desengajamento toca os limites do eu, com efeitos sobre as maneiras de sentir e, sobretudo, sobre a própria capacidade de sentir (HAROCHE, 2008, p. 122).

Em relação à primeira obra, a autora destaca não fazer qualquer diferença entre termos recorrentes, observando o seguinte (2008, p. 122): “[...] não distinguiremos o eu das noções de pessoa, personalidade, caráter, indivíduo e individualidade. Todos esses termos se referem a um mesmo campo paradigmático, relativamente impreciso e movediço [...]”.

A respeito de seu posicionamento teórico e seu modo de pesquisa, menciona inscrever-se a partir da perspectiva genealógica, visando esclarecer o contemporâneo por meio do discernimento das evoluções,

transformações e comoções (HAROCHE, 2011, p. 360).

Com este olhar, então, é que Claudine Haroche focaliza seu estudo, situando o homem como exprimente em si mesmo e através de si das tramas socioculturais nas quais se encontra não só ligado, mais que isso, a partir das quais constrói sua subjetividade. No exercício de leitura dos seus recentes escritos, em especial, da obra *A condição sensível*, torna-se fundamental atentar-se para o lugar a partir do qual tece suas análises e considerações. Socióloga, seu estudo se situa como obra de caráter transdisciplinar, donde lê os discursos da antropologia, sociologia, política, filosofia, entrelaçando-os, por vezes, à psicanálise. Dessa forma, equivalem, em sua pesquisa genealógica, as categorias de sujeito e indivíduo, situando-as muito além dos limites da psicologia, concebendo-as em suas formas sociais e políticas. Nesse passo, identifica na contemporaneidade, em concordância com Zygmunt Bauman, a fluidez como marca antropológica da subjetividade e da individualidade.

Aponta para um deslocamento, uma transformação antropológica do sujeito. Em suas palavras, o livro “[...] trata de uma genealogia das categorias de indivíduo e sujeito na tradição ocidental, desde o século XVI até a contemporaneidade” (HAROCHE, 2008, p. 14). No título da obra aparecem os termos condição e sensível, descrevendo a condição como modo de ser, situação de algo e também maneira de viver. Sendo assim, processos passíveis de durar e se modificar ao longo do tempo, atualizando-se internamente, ou seja, interiorizam-se nas pessoas, como também externamente, isto é, na vida em sociedade. Assim é que a condição é algo de caráter transitório, sempre

passível de mudanças. O sensível faz referência aos sentidos, à sensibilidade e aos sentimentos a gerar escolhas amplas (públicas) e particulares (privadas) de proporções éticas e estéticas. A socióloga verifica no atual contexto a emergência no indivíduo de maneiras inéditas de sentir, com um declínio da capacidade de simbolização dos sentimentos, que, reduzidos, limitam-se a sensações relegadas aos limites do corpo. A condição sensível de hoje, em suas palavras, é a seguinte: “[...] a continuidade das sensações, o declínio das faculdades de perceber e experimentar sentimentos” (HAROCHE, 2011, p. 369).

4. Sociedade individualista e personalidade flexível

Atentando-se para a discussão das formas de ser e sentir no Ocidente, Claudine Haroche articula duas noções importantes: indivíduo hipermoderno e indivíduo das sociedades líquidas, realçando a necessidade de olhar o particular a partir do coletivo sob o qual se encontra. Em decorrência disso, enfatiza os efeitos do fenômeno conhecido como globalização nas maneiras de compor a personalidade e as relações:

Sob o impacto da globalização, as sociedades contemporâneas tendem a se tornar sociedades que se transformam de maneira contínua; sociedades flexíveis, sem fronteiras e sem limites, sociedades fluídas, líquidas. Tais condições têm conseqüências sobre os traços de personalidade, dos mais contingentes e superficiais aos mais profundos, sobre os tipos de personalidade que tendem a desenvolver, e mesmo encorajar, e também sobre a natureza das relações entre os indivíduos. A fluidez destituída intrinsecamente

de limites acarreta modificações nas estruturas e pode pôr em questão a possibilidade de estruturação e mesmo de existência do eu. (HAROCHE, 2008, p. 123).

Nesta linha de reflexão, continuando, a estudiosa lança interrogações de vultosa importância, que, por isso mesmo, podem ser consideradas como centrais em seus mais recentes escritos: “É possível pensar imerso na fluidez, sob pressão permanente e ininterrupta do fluxo? Privado de tempo, da duração exigida pelos sentimentos, o indivíduo hipermoderno pode experimentar algo diferente de sensações?” (HAROCHE, 2008, p. 123).

De modo semelhante, indaga: “É possível perceber e pensar em meio à aceleração, ao imediatismo, à instantaneidade? A que modos de subjetivação somos hoje confrontados?” (HAROCHE, 2011, p. 360).

Para analisar tais questões, Haroche tem entre seus interlocutores, estudiosos como: Cornelius Castoriadis, Erving Goffman, Émile Durkheim, Georg Simmel, Hannah Arendt, Henri Bergson, Karl Marx, Marcel Mauss, Max Weber, Michel Foucault, Norbert Elias, Richard Sennett, Sigmund Freud, Walter Benjamin, Zygmunt Bauman, dentre outros. Esclarece, neste ponto, o objetivo de seu estudo, definindo-o como investigação sobre:

[...] certos traços de personalidade do indivíduo contemporâneo, ligados e mesmo atribuídos à flexibilidade e à fluidez, por meio das maneiras de ser, de se comportar e também, ainda que isto seja uma questão problemática, das maneiras de sentir e exprimir, e da própria capacidade de vivenciar sentimentos. (HAROCHE, 2008, p. 123).

Reconhece que tais questões são de difícil discussão, pois as sociedades contemporâneas tendem à confusão, ao esmaecimento das fronteiras íntimas, privadas e públicas, observando aí uma visão psicologizante das relações. Observa, por assim dizer, nessas sociedades, “formas extremas de individualismo”, identificando-as, então, como coletividades narcisistas, nas quais nota “dificuldade e mesmo relativa incapacidade de experimentar sentimentos” (HAROCHE, 2008, p. 123).

Verifica no sujeito contemporâneo um tipo de personalidade flexível que “[...] se define paradoxalmente pela visibilidade máxima e pelo movimento, e mais ainda pela mudança incessante” (HAROCHE, 2011, p. 368). Continuando sua descrição dessa personalidade proeminente, a autora sublinha:

O descompromisso aparece como um traço fundamental do clima, da atmosfera das sociedades individualistas, mais precisamente da personalidade flexível como um elemento essencial dos novos modos de poder e domínio, dos mecanismos de alienação e humilhação (HAROCHE, 2011, p. 368).

Encontra-se aí produzida uma forma de subjetivação que pode também ser designada pelo termo “comum”, como propõe Luiz Bicca (2003). O sujeito daí emergente é aquele que assume estilos de vida ditados pela tendência dominante. O filósofo brasileiro verifica certa insensibilidade junto à incapacidade de pensar questões cruciais para a vida de qualquer pessoa e sociedade. Questões essas que dizem respeito a todos. A insensibilidade e a ausência de reflexão têm por consequência o conformismo e a mesmice que bloqueiam qualquer

disposição para surpreender(-se) e para interrogar(-se). Em suas palavras: “[...] o espanto é o começo da sabedoria. Algo terrível dá-se então a constatar, nos dias de hoje: o fato de que, atualmente, muito pouca coisa é capaz de nos chocar. O homem moderno perde, pouco a pouco, a capacidade de se espantar e se indignar” (BICCA, 2003, p. 237).

Isto pode ser ligado ao fato de sermos a civilização da técnica e do capital, na qual ocorre, desde o início da vida, a introjeção do capitalismo como modo de vida e organização social tomados por natural. O sujeito, condicionado que é, torna-se coisa, como dizem Adorno & Horkheimer (1985). Seguindo o pensamento adorniano, a psicóloga brasileira Paula C. Oliveira (2005, p. 52) assinala que “Há um processo de perda da individualidade que é despolitizante, pois junto com o enfraquecimento da consciência individual, reduz-se a capacidade de crítica social”.

O sujeito médio contemporâneo vê-se, habitualmente, como livre e desprovido de amarras. Por outro lado, sua vida gira no turbilhão da onda capitalista estabelecida, ideologicamente, como único modo de história possível. De tal modo que assume e expressa a imposição do todo como normalização e normatização da existência. Acerca disso, Luiz Bicca lembra-nos que,

[...] a realidade, o que está aí dado à percepção [...] é exprimível por nivelamento, uniformidade, padronização. [...] As relações humanas tornam-se automáticas, cada indivíduo baseando sua segurança em identificação direta ou um mimetismo, em suma, um alinhamento com a maioria ou o que for opinião pública, senso comum (BICCA, 2003, p. 40).

5. O *desengajamento* como mais um “produto” do capitalismo

Herbert Marcuse (1973) refere-se a esta cultura, amplamente estabelecida e difundida no Ocidente, como uma crescente imposição da ideologia da sociedade industrial, da qual deriva o homem unidimensional. Isto é, aquele que vive apenas uma dimensão existencial, qual seja, um estilo de vida com padrão de pensamento e comportamento “doutrinados e manipulados” através do aparato produtivo, das mercadorias e serviços que impõem o sistema social como um todo. O filósofo acusa aí uma irracionalidade, comentando que, “O fato de a grande maioria da população aceitar e ser levada a aceitar essa sociedade não a torna menos irracional e menos irrepreensível” (MARCUSE, 1973, p. 17). A imposição ideológica se dá pelo mimetismo, ou seja, pela adaptação e imitação do modelo sociocultural predominante. Nesta mesma direção, Adorno & Horkheimer (1985, p. 144) asseveram que “A vida no capitalismo tardio é um contínuo rito de iniciação. Todos têm que mostrar que se identificam integralmente com o poder de quem não cessam de receber pancadas”.

Como discurso, o capitalismo tem se amplificado e penetrado os mais diversos espaços sociais. Impõe-se, fabricando ausência de reflexão em série, donde é plausível supor como um dos seus efeitos, o *desengajamento*. O capitalismo tem por sua obra a sociedade da desigualdade, dos abismos, da falta e dos excessos a gerar patologias cada vez mais visíveis: ansiedade, medo, tédio, depressão etc. (SOARES & EWALD, 2004).

Neste contexto, o tempo é quantificado e vivido como algo contra o qual se trava uma luta. Encontra-se aí um

frenesi: correria diuturna em que sobressai o estresse, tornado algo ordinário; um modo de viver no qual o tempo se tornou desprovido de qualidade. Com esta estrutura e funcionamento, a sociedade bloqueia nos indivíduos o que Marcuse chama de capacidade de ser autônomo, de dar respostas suas. Em sua inexorável crítica à civilização industrializada, o pensador comenta: “As técnicas de industrialização são técnicas políticas, como tal, prejudgam as possibilidades da Razão e da Liberdade” (MARCUSE, 1973, p. 37).

Marcuse critica o comportamento social como um aspecto traduzido da racionalidade tecnológica, donde “O conformismo é novo porque é racional sem precedente” (MARCUSE, 1973, p. 92). Nisto, a linguagem e a comunicação tornaram-se produtos e meios eficazes de expressão deste estado de coisas, daí, segundo ele, “[...] a palavra que ordena e organiza, que induz as pessoas a fazerem as coisas, comprar e aceitar” (MARCUSE, 1973, p. 94).

Essas considerações traçadas pelos pensadores citados podem ser articuladas ao que escreve Claudine Haroche quando se refere aos contemporâneos como aqueles que constantemente se esquivam, que possuem uma precaução com a qual evitam o envolvimento, caracterizando-os como “Prudentes, mais descompromissados do que calculistas, a inconsistência de seu eu se faz acompanhar da falta de continuidade e engajamento nos vínculos, e mesmo de uma inaptidão para os vínculos, laços e sentimentos” (HAROCHE, 2008, p. 134).

Ao examinar a condição contemporânea, Haroche enfoca as “maneiras de ser e sentir do indivíduo

hipermoderno”, no qual verifica marcas do que designa “fluidez” e “*desengajamento*”. Estes perpassam as mais diversas modalidades de relação, do início ao fim, das quais um encontro, se é que ocorra em algum momento, logo tende a se tornar desencontro, não prenunciando qualquer garantia de durabilidade. Não à toa, desfaz-se com a mesma facilidade com que, eventualmente, tenha começado. Eis seu comentário:

Os engajamentos duráveis, que constroem vínculos e em que a individualidade é valorizada pela exigência, foram substituídos por encontros breves, banais e intercambiáveis, nos quais as relações começam tão rápido quanto terminam. Os vínculos, hoje, são mais frágeis e efêmeros. O estar junto tende a ser breve, de curta duração e desprovido de projetos, tornando o desengajamento um novo modo de poder e dominação (HAROCHE, 2008, p. 129).

6. Consumismo, este íntimo do *desengajamento*

Jorge Coelho Soares e Ariane Ewald (2004) aludem, neste estado de coisas, para a cultura do consumo entrelaçada ao vazio existencial e ao sofrimento psíquico. O consumismo (consumo alçado à categoria de exagero) parece ter conexão direta com o modo de vida desengajado. Sob essas circunstâncias, muitas pessoas se reconhecem como participantes da vida social, bem como portadores de valor e dignidade, na medida da sua capacidade de adquirir e usufruir de objetos, mercadorias.

Vivencia-se, pois, uma “imposta” identificação, donde se torna, de certo modo, idêntico. Em outros termos, ao situar-se absorvido pela coletividade,

estando, em certa medida, interditas suas possibilidades de singularidade, o sujeito médio contemporâneo conforma-se em ser apenas mais um, igual aos demais. Aceita-se massificado, submisso, adaptado, funcionando pela lei do cada um por si. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985).

O ter, neste caso, impõe-se ao ser. Com isso, acredita-se que só é quem tem. Quanto mais se tem, melhor se é. Deste modo, “as pessoas passam a valer, cada vez mais, pelo seu valor econômico bem como pelo seu potencial erótico canalizado, não como força emancipadora a serviço da liberdade, mas como mercadoria a serviço do capital” (SOARES & EWALD, 2004, p. 01).

Maria de Fátima Vieira Severiano descreve a profunda relação existente na contemporaneidade entre duas lógicas: a do “mercado” e a do “desejo”. Afirmar ser a primeira mantida e expandida pela exploração da segunda. Com isso, interpreta que a subjetividade na atualidade se constitui explicitamente pelo signo do consumo. Nessa trama, segundo ela, exerce relevante papel a mídia publicitária, que promove e “impõe” em todas as esferas sociais o signo do consumo como padrão. Este se torna possível e se fortalece pela exploração do desejo de ter satisfeito o ideal narcísico, que se move na direção dos interesses próprios e indiferença quanto aos vínculos sociais, mas esta é uma falsa promessa, pois não se realiza. Eis seu comentário:

[...] o sujeito, diante de constantes frustrações provocadas pelo enfraquecimento dos vínculos interpessoais ou pela impossibilidade de realização de seus ideais culturais, desinveste no mundo e volta-se unicamente para seus interesses particulares, encontrando na ideologia do

consumo uma forma de pseudorresgate de seu narcisismo nocauteado (SEVERIANO, 2010, p. 138).

Em sua relação desvairante com o tempo, marcado pelas exigências de consumo, tornado consumismo (disposição voraz da vida contemporânea), o sujeito médio não consegue sequer vislumbrar a possibilidade de *engajamento*. Encontra-se, pois, imerso em uma trama da qual nem mesmo se dá conta. Não problematiza tal modo de viver. Sobre isso, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2007, p. 108) afirma: “O tempo flui, e o truque é se manter no ritmo das ondas. Se você não quer afundar, continue surfando, e isso significa mudar o guarda-roupa, a mobília, o papel de parede, a aparência, os hábitos – em suma, você mesmo – tão frequentemente quanto consiga”.

O tempo na contemporaneidade, também indica o sociólogo, é “líquido – era de incertezas”, no qual se impõem fortes exigências de luta contra a derrota para manter-se do lado dos vencedores. Isto se limita, claramente, ao âmbito individual. Há, segundo ele, enorme pressão para a “[...] plena e total atenção, vigilância 24 horas por dia, sete dias por semana, e acima de tudo manter-se em movimento – tão rápido quanto puder...” (BAUMAN, 2007, p. 109).

Neste ritmo, não se encontra o tempo de parar; o que pode levar à reflexão, ao pensar e ao sentir. Este, aliás, parece evitado a todo custo. Não restando tempo igualmente para juntar-se a outros indivíduos, compor grupos ou coletivos destinados a pensar e criar novos modos possíveis de viver. Marcadas pelo individualismo, as pessoas têm jogado sobre seus ombros, a responsabilidade de resolver dilemas

gerados por circunstâncias voláteis e constantemente instáveis (BAUMAN, 2007).

Na contemporaneidade, o indivíduo é excitado a consumir incessantemente, entre outros aspectos, pela promessa através da qual aplacaria a monotonia cotidiana. Quanto aos seus vínculos, tornam-se fugazes e suas relações efêmeras, como sublinha Haroche:

Incitado e continuamente estimulado a consumir, ocupado pelo acúmulo e o excesso de solicitações, o indivíduo é transformado em espectador, cuja imaginação e capacidade de representação se encontram emperradas e, muitas vezes, destruídas, vê sem ver: ele vê sem ter a capacidade de fixar, analisar, compreender, apreender e, em consequência, torna-se incapaz de criticar e recusar de modo livre (HAROCHE, 2008, p. 144).

7. Para não concluir – interrogações necessárias:

Com efeito, a personalidade desengajada não pode, de maneira alguma, ser generalizada. Há certamente indivíduos e grupos que de diferentes modos trafegam contracorrente, em atitude de resistência e esperança, apesar da enorme pressão por se igualar. Entretanto, em consonância com as análises de Claudine Haroche e dos demais estudiosos referenciados, pode-se afirmar que a ampla maioria da população reveste-se dessa característica, sem sequer imaginar, supor, ou mesmo tentar, outros modos de viver.

Romper com esta cadeia de regência subjetiva torna-se, por isso, uma tarefa de proporções e esforços gigantescos, quando se pensa em uma postura individual diferenciada, uma vez que

exige para tal, seguir na contramão da maior parte da sociedade. Criticar o *desengajamento* significa contrapor-se aos modos objetivos de subjetivação, uma vez que a condição pessoal está submetida às formas de subjetivação circulantes na “atmosfera social”. Todavia, em se tratando do sujeito mediano, comum, aqui discutido, isto se torna difícil, posto que não seja considerado, sendo assim, não refletido, sequer imaginado. Daí que, pensar-se como sujeito efetivo da construção de um mundo diferente tem sido algo muito distante.

A partir dessas análises, depreende-se um quadro sociocultural preocupante, no qual muitas pessoas, dificilmente, serão capazes de encontrar canais de rompimento com o *desengajamento* sob o qual se encontram. Situado sem participação, sem interesse e sem a capacidade de reflexão e crítica estimulados, o sujeito médio contemporâneo localiza-se em uma espécie de rua sem saída. Uma situação na qual seu potencial criativo é “atrofiado”, sequer despertado. Ao que toma por natural e assume o modo de vida da sociedade moderna (hipermoderna), industrializada, tecnificada, automatizada, marcada pela “liquidez”, pela instabilidade e pela incerteza.

Diante do quadro apresentado, Haroche, longe de expressar qualquer argumento fechado para o porvir, lança várias indagações acerca dos rumos da sociedade e, por conseguinte, dos indivíduos. A posição adotada pela autora indica o quão difícil se torna qualquer previsão mais concreta acerca do que virá, seja em tom mais pessimista, mais otimista ou mesmo realista. Isto porque em face do movimento contínuo, da fluidez e da instabilidade, o desenrolar dos fatos se

torna, de certo modo, impreciso. De acordo com sua análise, qualquer virada social que dê outro tom, outra cor à vida, precisará mexer com nossas formas de percepção, pensamento e sensibilidade.

É preciso, hoje, conceder ao movimento papel decisivo tanto nos modos de perceber e sentir quanto nos processos de pensamento. O eu e a própria idéia de eu, sua concepção como lugar e condição de síntese, estão atualmente em questão. O fato de pensar tende a se perder no fluxo das sensações. O exercício do pensamento é difícil, e mesmo impossível, quando não há duração, profundidade, ou quando os limites e as balizas se tornam tênues, quando faltam os momentos de parada, de pausa. É possível ao exercício da sensibilidade e do pensamento subsistir num eu sem limites? (HAROCHE, 2008, p. 219).

Outro lugar, outras formas de expressão, o sentido pelo qual vivemos, os significados que atribuímos ao corpo, às sensações, aos afetos, ao pensamento são questões que ganham importância e, nesse emaranhado dentro do qual nos encontramos, requerem reflexão. A socióloga coloca, então, a seguinte indagação:

Podem-se experimentar sensações, mas se pode perceber, sentir, pensar no movimento contínuo e na ilimitação, na instantaneidade e no imediatismo? Não seria necessário repensar o papel da sensorialidade e da percepção, criar um novo lugar à corporeidade, ao movimento, à mobilidade, à mudança no processo de pensamento? Podem eles ter um sentido? (HAROCHE, 2011, p. 373).

O fluxo constante e veloz da dinâmica sociocultural atinge em cheio as possibilidades de liberdade, autonomia,

implicação, protagonismo individual e social. E assim torna-se comum seguir por onde quase todos estão indo, no que a estudiosa pergunta:

Envolvidos em um movimento constante, tenderíamos a experimentar apenas impressões difusas e voláteis, mergulhadas em uma sensação de mudança incessante? O ritmo das mudanças econômicas, tecnológicas, sociais entrava a parte da intenção e do projeto, reduzindo-nos ao papel de atores passivos de nossa própria existência? (HAROCHE, 2011, p. 375-376).

8. Ainda uma última palavra – pensando alternativas:

A partir dessa breve análise, em face da nossa atual condição, em que há “cegueira” e “surdez” em consideráveis proporções para qualquer palavra que ouse refutar e desmascarar as enormes contradições existentes, isto é, a irracionalidade travestida de racionalidade (MARCUSE, 1973). Sem o propósito de responder a estas interrogações nem, tampouco, colocar qualquer solução ingênua ou mesmo mirabolante. Mas, visando uma estratégia, ainda que frágil, para o enfrentamento do *desengajamento*, adentrando-se nas brechas que aparecem como possibilidades, uma alternativa, um vislumbre pode se dar por meio da presença, da participação, do envolvimento e da junção de forças em coletividades, em grupos, como espaços propícios à convivência e à reflexão. Supomos, com isso, que através de iniciativas individuais e grupais, isto é, através da esperança vivida cotidianamente e partilhada com outros (em grupos) seja possível potencializar nossa capacidade de pensar e criar novos arranjos existenciais, onde sejam estimuladas a

sagacidade e a inventividade direcionadas ao apreço por uma vida diferente. Ao compreendê-la, vivê-la e por ela lutar, valorizando a transformação como atitude e movimento único que entrelaça, permanentemente, duas dimensões: a individual e a social.

Um grupo, neste sentido, pode ser um eficaz “lugar” de resistência através do qual se coloque em pauta o pensar, o sentir, o criar e o agir alternativos. Pode ser espaço que se propõe negar a validade do quadro sombrio dentro do qual nos encontramos, não através de paliativos, mas por meio da imaginação criativa que ouse novas formas de viver e impulsiona a existência como reinvenção. Através de um grupo pode-se viver o encontro entre diferentes, face a face, com olhar e escuta atenciosos, a convivência na amizade, o espírito de confiança e cooperação, o partilhar sonhos, a junção de forças para a solução de problemas individuais e coletivos, a militância engajada na promoção de outra realidade, o apoio e aproximação de outros indivíduos e coletivos que se empenham na direção de um mundo melhor etc. Irrompe, portanto, como pertinente, a observação da psicóloga Silvia Lane, segundo a qual “[...] toda ação transformadora da sociedade só pode ocorrer quando indivíduos se agrupam” (1984, p. 78).

O ser humano dispõe da capacidade de mudar(-se), de modificar as condições nas quais se localiza. Para isso, importa negar a naturalização e validade do tempo e espaço em que se encontra e buscar outro lugar, outro modo de ser e viver, bem diferente. Ao começar a estranhar, portanto, o que está aí “jogado”, “imposto” e, em sentido oposto, cultivar o pensamento em direção de um mundo diferente, o que

nos remete ao pensamento utópico, pois,

As chamadas possibilidades utópicas não são absolutamente utópicas, mas antes representam uma determinada negação histórico-social do existente, a tomada de consciência delas – bem como a determinação consciente das forças que impedem sua realização e que as negam [...] (SOARES e EWALD, 2010, p. 175-176).

Apear da dura realidade, na qual se encontram com abundância, a competitividade, a desconfiança, a falta de reflexão, a insensibilidade e a exacerbação do individualismo, como foi pontuado ao longo do texto, um grupo *pode ser* espaço favorável ao desejo, ao empenho por outras formas de organização social e de construção como sujeito, na composição de alternativas potentes que nos movam contracorrente, sonhando, acreditando e ousando transpor o que nos limita, para assim falar e praticar: “É só isto que desejo fazer: saltar sobre os limites que separam o possível existente do utópico desejado, que ainda não nasceu. *Dizer o nome das coisas que não são, para quebrar o feitiço daquelas que são...*” (ALVES, 2011, p. 160).

Referências

- ADORNO, Theodor Wiesengrund; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALVES, Rubem. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 13. ed. Campinas: Papirus, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BICCA, Luiz. **Questões persistentes**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.
- BRECHT, Bertold. Poema A exceção e a regra. In: **Antologia poética**. Disponível em: <http://chafic.com.br/chafic/moodle/file.php/1/Bi>

bliblioteca_Virtual/Filosofia_e_Sociologia/Antologia_Poetica_de_Bertolt_Brecht.pdf. Acesso em: 29 de março de 2015.

EWALD, Ariane P.; SOARES, Jorge Coelho. **Identidade e subjetividade numa era de incerteza**. Revista Estudos de Psicologia, UERJ, Rio de Janeiro, 12(1), p. 23-30, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n1/a03v12n1>. Acesso em: 20 de março de 2013.

EWALD, Ariane P.; SOARES, Jorge Coelho; SEVERIANO, Maria de Fátima; AQUINO, Cássio Braz de (organizadores). **Tempo e subjetividades: perspectivas plurais**. Rio de Janeiro: 7Letras: Pequeno Gesto, 2013.

HAROCHE, Claudine. **A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

_____. **Maneiras de ser e de sentir na aceleração e a ilimitação contemporânea**. Caderno Metropolitano, São Paulo, v. 13, n. 26, p. 359-378, jul/dez 2011. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/14758/10762>. Acesso em: 20 de outubro de 2013.

LANE, Silvia T. M. O processo grupal. In: Silvia T. M. Lane & Wanderley Codo (Eds.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 24. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MATOS, Olgária. **Discretas esperanças: reflexões filosóficas sobre o mundo**

contemporâneo. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2007.

OLIVEIRA, Paula Campolina. **O sujeito psicológico em Adorno**. Paidéia, Revista do Curso de Pedagogia da Universidade FUMEC, Belo Horizonte, n. 03, p. 47-62, 2005. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/index.php/paideia/article/view/906>. Acesso em 20 de outubro de 2013.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. “Lógica do mercado” e “lógica do desejo”: reflexões críticas sobre a sociedade de consumo contemporânea a partir da Escola de Frankfurt. In: SOARES, Jorge Coelho (organizador). **Escola de Frankfurt: inquietudes da razão e da emoção**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

SOARES, Jorge Coelho; EWALD, Ariane P. **Reflexões à sombra de Adorno: cultura do consumo, vazio existencial e sofrimento psíquico**. Nomadas, Revista Crítica de Ciências Sociais y Jurídicas, Universidade Complutense de Madrid, Madri/Espanha, Número Especial: monográficos (MA.O) Theodor W. Adorno (1903-2003), p. 1-12, 2004. Disponível em: <http://www.existencialismo.uerj.br/pdf/Nomadas.pdf>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2012.

_____. Utopia com desencanto: reflexões sobre a vida trêmula na hipermodernidade. In SOARES, Jorge Coelho (organizador). **Escola de Frankfurt: inquietudes da razão e da emoção**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

Recebido em 2015-04-11
Publicado em 2016-01-15